

fonte: Toto E

class.: 10

data: 20/11/94

pg.: 38



CLOS FENERICH

AMAZÔNIA

O boto retumbante

Gilberto Mestrinho lança seu livro em São Paulo e diz que não é mais o principal vilão da ecologia

NUNZIO BRIGUGLIO

Não é comum um governador de Estado sentar-se a uma mesa e passar horas assinando autógrafos. Ainda mais quando o político em questão não é reconhecido pelo seu lado intelectual ou reflexivo nem carrega fama de professor universitário ou livre-pensador. Apesar do inusitado, o governador Gilberto Mestrinho, do Amazonas, lançou em São Paulo, na segunda-feira 21, o que considera ser o seu primeiro e único arroubo em direção a uma possível glória literária. A obra, intitulada *Amazônia terra verde: sonho da humanidade*, ricamente encadernada e com uma vistosa sobrecapa, aborda um assunto que o autor admite conhecer de forma profunda, mas empírica. Suficiente, entretanto, para acirrar o ódio politicamente correto de contingentes nacionais e internacionais de ecologistas e preservacionistas, que o elegeram o inimigo público número um da Amazônia.

Bem-humorado, Mestrinho responde que o habitante da Amazônia não pensa da mesma forma. E garante que a última pesquisa para medir sua popularidade atribuiu-lhe nada menos que 93% de aprovação, o que contrabalançaria o seu controvertido prestígio junto à categoria dos ambientalistas. Orgulhoso, o governador amazonense curtiu as glórias de um contista mineiro na Feira do Livro de Frankfurt, no início de outubro, cujo país-tema era o Brasil e onde seu livro foi cortejado por editores ingleses, americanos, alemães e japoneses.

Mestrinho se autodefine no livro como um incômodo nativo três vezes eleito governador do Amazonas – cargo que pretende disputar novamente em 1998 – e que conviveu com a intolerância e o preconceito, a falta de informação e o despreparo. Mas que, afinal, vê triunfar a sua tese de que a intocabilidade da Amazônia é um mito. “Com a racionalização do debate em lugar do emocionalismo, muita coisa mudou.” E, pelo menos em termos de indústria madeireira, o governador, que tomou



ROGERIO REIS/PULSAR

posse em 1991 prometendo distribuir motosserras para quem quisesse, começa a ter razão. Não pelo efeito devastador que se atribuiu na época, mas pelo fato de que o “pulmão” do mundo só consegue absorver cerca de 1,5 bilhão de toneladas de dióxido de carbono (CO₂) se a floresta estiver mesmo em constante crescimento. Com o conhecimento de botânica próprio de um caboclo, mais a vivência de quem percorreu e estudou todas as florestas do mundo, Mestrinho explica no livro que o efeito filtro só é possível através da fotossíntese (substituição de carbono por oxigênio), processo que só se dá quando a planta está em crescimento. “É óbvio que, quanto mais se remaneja uma floresta, mais ela retira carbono da atmosfera.”

O governador sempre entendeu que, por trás dos interesses preservacionistas, estavam interesses econômicos muito claros. E lembra que, antes da Rio 92, a conferência das Nações Unidas sobre meio ambiente, havia 219 organizações não-governamentais de defesa da Amazônia. “Veja o caso do mogno, agora tão em moda. A espécie necessita de 50 a 80 anos para se desenvolver. No Amazonas, já temos árvores que se tornam adultas em 12 anos. É fácil imaginar o impacto que isso provocaria na in-

Mestrinho no papel de autor literário: teses polêmicas sobre a sua Amazônia

dústria internacional.” Para explicitar ainda mais, Mestrinho relembra em seu livro o projeto Radam, no início dos anos 70, quando

constatou-se a existência de diversas reservas minerais de ouro, prata, ferro, níquel, cobre, entre outras. “Aí começou a intocabilidade mineral. Para se ter uma idéia, quando o estanho da Amazônia chegou ao mercado internacional, o preço do quilo do minério despencou de US\$ 12 para US\$ 5.”

Aos 66 anos, Gilberto Mestrinho se vangloria de ser um autodidata no estudo da ecologia. “Nós não temos conhecimento suficiente para interpretar o nível ambiental. Fala-se tanto na calamidade do CFC (cloro-fluorcarbono), fez-se uma revolução industrial por causa dos sprays e do ar condicionado e ninguém levou em conta que todo o cloro originário disso equivale a um setenta avos da evaporação diária dos mares, que produz o mesmo dano à camada de ozônio.” Otimista, o governador imagina a Amazônia como alternativa para milhões de futuros desempregados pela tecnologia, que encontrariam atividade econômica na fantástica biodiversidade da floresta. “É isso que o mundo quer saber na atualidade”, conclui. “De anti-herói, passei a ser o boto retumbante.”